

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

NOVEMBRO DE 1864

Nº 11

O Espiritismo é uma Ciência Positiva

ALOCUÇÃO DO SR. ALLAN KARDEC AOS ESPÍRITAS DE
BRUXELAS E ANTUÉRPIA, EM 1864

Publicamos esta alocução a pedido de grande número de pessoas que nos testemunharam o desejo de conservá-la, e porque ela tende a fazer considerar o Espiritismo sob um aspecto de certo modo novo. A *Revista Espírita* de Antuérpia reproduziu-a integralmente.

Senhores e caros irmãos espíritas,

Apraz-me dar-vos este título, porque, embora eu não tenha o privilégio de conhecer todas as pessoas presentes nesta reunião, quero crer que aqui estamos em família e todos em comunhão de pensamentos e de sentimentos. Mesmo admitindo que nem todos os assistentes fossem simpáticos às nossas idéias, não os confundiria menos no sentimento fraterno que deve animar os verdadeiros espíritas para com todos os homens, sem distinção de opinião.

Não obstante, é aos nossos irmãos de crença que me dirijo mais especialmente, para exprimir-lhes a satisfação que sinto de me achar entre eles e de oferecer-lhes, em nome da Sociedade de Paris, a saudação de fraternidade espírita.

Eu já havia tido a prova de que o Espiritismo conta, nesta cidade, numerosos adeptos sérios, devotados e esclarecidos, compreendendo perfeitamente o objetivo moral e filosófico da doutrina; sabia que aqui encontraria corações simpáticos, e isto foi motivo determinante para que eu correspondesse ao insistente e grato convite que me foi feito por vários dentre vós, de aqui fazer uma pequena visita este ano. A acolhida tão amável e cordial que recebi fará que leve de minha estada a mais agradável lembrança.

Certamente eu teria o direito de envaidecer-me pela acolhida que me tem sido dispensada nos diferentes centros que visito, se não soubesse que esses testemunhos se dirigem muito menos ao homem do que à doutrina, da qual sou humilde representante, e devem ser consideradas como uma profissão de fé, uma adesão aos nossos princípios. É assim que os encaro, no que me concerne pessoalmente.

Aliás, se as viagens que faço de vez em quando aos centros espíritas só devessem ter como resultado a satisfação pessoal, eu as consideraria inúteis e delas me absteria. Mas, além de contribuírem para estreitar os laços de fraternidade entre os adeptos, também têm a vantagem de fornecer-me elementos de observação e de estudo, jamais perdidos para a doutrina. Independentemente dos fatos que possam servir ao progresso da ciência, aí recolho os materiais da história futura do Espiritismo, os documentos autênticos sobre o movimento da idéia espírita, os elementos mais ou menos favoráveis ou contrários que ela encontra, conforme as localidades, a força ou a fraqueza e as manobras de seus adversários, os meios de combater estes últimos, o zelo e o devotamento de seus verdadeiros defensores.

Entre estes últimos, devem colocar-se em posição de destaque todos os que militam pela causa com coragem, perseverança, abnegação e desinteresse, sem segunda intenção pessoal, que buscam o triunfo da doutrina pela doutrina, e não pela satisfação de seu amor-próprio; enfim, aqueles que, por seu exemplo, provam que a moral espírita não é uma palavra vã, e se esforçam por justificar esta notável afirmação de um incrédulo: *Com uma tal doutrina, não se pode ser espírita sem ser homem de bem.*

Não há centro espírita onde eu não tenha encontrado um número mais ou menos grande desses pioneiros da obra, desses arroteadores de terreno, desses lutadores infatigáveis que, sustentados por uma fé sincera e esclarecida, pela consciência de cumprir um dever, não desanimam ante nenhuma dificuldade, encarando seu devotamento como dívida de reconhecimento pelos benefícios morais que receberam do Espiritismo. É justo fiquem perdidos para os nossos descendentes os nomes daqueles de que se honra a doutrina e que um dia não possam ser inscritos no panteão espírita?

Infelizmente, ao lado destes por vezes se acham pessoas de má índole, os impacientes da causa, que, não calculando o alcance de suas palavras e de seus atos, podem comprometê-la; os que, por zelo irrefletido, por idéias intempestivas e prematuras, sem o querer fornecem armas aos nossos adversários. Depois vêm aqueles que, não considerando o Espiritismo senão pela superfície, *sem serem tocados no coração*, por seu próprio exemplo dão uma falsa idéia de seus resultados e de suas tendências morais.

Eis aí, sem sombra de dúvida, o maior escolho com que se deparam os sinceros propagadores da doutrina, pois muitas vezes vêm a obra, que tão penosamente esboçaram, desfeita justamente por aqueles que os deveriam secundar. Está provado que o Espiritismo é mais entravado pelos que o compreendem mal do que pelos que não o compreendem absolutamente, e, mesmo,

pelos inimigos declarados. E é de notar que os que o compreendem mal geralmente têm a pretensão de o compreender melhor que os outros; e não é raro ver neófitos que, ao cabo de alguns meses, pretendem dar lições àqueles que adquiriram experiência em estudos sérios. Tal pretensão, que denuncia o orgulho, é uma prova evidente da ignorância dos verdadeiros princípios da doutrina.

Contudo, que os espíritas sinceros não desanimem: é o resultado do momento de transição por que vivemos. As idéias novas não podem estabelecer-se de repente e sem obstáculos; como lhes é preciso varrer as idéias antigas, forçosamente encontram adversários que as combatem e as repelem, sem falar nas criaturas que as tomam em sentido contrário, que as exageram ou desejam acomodá-las a seus gostos e opiniões pessoais. Mas chega o momento em que as idéias contraditórias caem por si mesmas, uma vez conhecidos e compreendidos os verdadeiros princípios pela maioria. Já vedes o que sucedeu com todos os sistemas isolados, surgidos na origem do Espiritismo; todos caíram ante a observação mais rigorosa dos fatos, ou só ainda encontram alguns desses partidários tenazes que, em tudo, se aferram às suas idéias primitivas, sem darem um passo à frente. A unidade se fez na crença espírita com muito mais rapidez do que se esperava. É que os Espíritos, em todos os pontos, vieram confirmar os princípios verdadeiros, de sorte que hoje, entre os adeptos do mundo inteiro, há uma opinião predominante que, se ainda não goza da unanimidade absoluta, é, incontestavelmente, a da imensa maioria. Donde se segue que aquele que quiser marchar na contramão desta opinião, encontrando pouco ou nenhum eco, condena-se ao isolamento. Aí está a experiência para o demonstrar.

Para remediar o inconveniente que acabo de assinalar, isto é, para prevenir as conseqüências da ignorância e das falsas interpretações, é preciso maior empenho na vulgarização das idéias justas e na formação de adeptos esclarecidos, cujo número crescente neutralizará a influência das idéias errôneas.

Minhas visitas aos centros espíritas, naturalmente, têm por objetivo principal auxiliar os nossos irmãos em crença em suas tarefas. Assim, eu as aproveito para lhes dar instruções que possam necessitar, como desenvolvimento teórico ou aplicação prática da doutrina, tanto quanto me é possível fazê-lo. Como é sério o fim dessas visitas, e exclusivamente no interesse da doutrina, não busco ovações, que nem são do meu gosto, nem do meu caráter. Minha maior satisfação é encontrar-me com amigos sinceros, devotados, com os quais nos podemos entreter sem constrangimento e esclarecer-nos mutuamente, por uma discussão amistosa, em que cada um traz o contributo de suas próprias observações.

Nessas excursões não vou pregar aos incrédulos; jamais convoco o público para catequizá-lo, pois não vou fazer propaganda; só compareço a reuniões de adeptos nas quais meus conselhos são desejados e possam ser úteis; eu os dou de bom grado aos que julgam deles necessitar; abstenho-me de dá-los aos que se julgam bastante esclarecidos para os dispensar. Numa palavra, só me dirijo aos homens de boa vontade.

Se, excepcionalmente, se insinuassem nessas reuniões pessoas atraídas somente pela curiosidade, ficariam desapontadas, porquanto aí nada encontrariam que as pudesse satisfazer; e, caso estivessem animadas de sentimento hostil ou desabonador, o caráter eminentemente grave, sincero e moral da assembléia e dos assuntos nela tratados tiraria qualquer pretexto plausível para a sua malevolência. Tais são os pensamentos que exprimo nas diversas reuniões às quais sou chamado para assistir, a fim de que não se equivoquem quanto às minhas intenções.

Afirmei no início que eu não era senão o representante da doutrina. Algumas explicações sobre o seu verdadeiro caráter naturalmente chamarão vossa atenção para um ponto essencial que, até agora, não foi considerado suficientemente. Na verdade, vendo a rapidez dos progressos desta doutrina, haveria mais glória em

dizer-me seu criador; meu amor-próprio aí encontraria o seu salário; mas não devo fazer minha parte maior do que ela é; longe de o lamentar, eu me felicito, porque, então, a doutrina não passaria de uma concepção individual, que poderia ser mais ou menos justa, mais ou menos engenhosa, mas que, por isso mesmo, perderia sua autoridade. Poderia ter partidários, talvez fizesse escola, como muitas outras, mas certamente não teria adquirido, em alguns anos, o caráter de universalidade que a distingue.

Eis um fato capital, senhores, que deve ser proclamado bem alto. Não, o Espiritismo não é uma concepção individual, um produto da imaginação; não é uma teoria, um sistema inventado para a necessidade de uma causa; tem sua fonte nos fatos da própria Natureza, em fatos positivos, que se produzem a cada instante sob os nossos olhos, mas cuja origem não se suspeitava. É, pois, resultado da observação; numa palavra, uma ciência: a ciência das relações entre o mundo visível e o mundo invisível; ciência ainda imperfeita, mas que se completa todos os dias por novos estudos e que, tende certeza, ocupará o seu lugar ao lado das ciências *positivas*. Digo *positivas*, porque toda ciência que repousa sobre fatos é uma ciência positiva, e não puramente especulativa.

O Espiritismo nada inventou, porque não se inventa o que está na Natureza. Newton não inventou a lei da gravitação; esta lei universal existia antes dele. Cada um a aplicava e lhe sentia os efeitos, embora não a conhecessem.

O Espiritismo, por sua vez, vem mostrar uma nova lei, uma nova força da Natureza: a que reside na ação do Espírito sobre a matéria, lei tão universal quanto a da gravitação e da eletricidade, conquanto ainda desconhecida e negada por certas pessoas, como o foram todas as outras leis na época de suas descobertas. É que os homens geralmente têm dificuldade em renunciar às suas idéias preconcebidas e, por amor-próprio, custa-lhes reconhecer que estavam enganados, ou que outros tenham podido encontrar o que eles mesmos não encontraram.

Mas, afinal, como esta lei repousa sobre fatos, e contra os fatos não há negação que possa prevalecer, terão de render-se à evidência, como os mais recalcitrantes o fizeram quanto ao movimento da Terra, a formação do globo e os efeitos do vapor. Por mais que acusem os fenômenos de ridículos, não podem impedir a existência daquilo que é.

Assim, o Espiritismo procurou a explicação dos fenômenos de uma certa ordem e que, em todos os tempos, se produziram de maneira espontânea. Mas, sobretudo, o que o favoreceu nessas pesquisas é que lhe foi dado, até certo ponto, o poder de produzi-los e de provocá-los. Encontrou nos médiuns instrumentos adequados a tal efeito, como o físico encontrou na pilha e na máquina elétrica os meios de reproduzir os efeitos do raio. É fácil compreender que isto não passa de uma comparação; não pretendo estabelecer uma analogia.

Mas há aqui uma consideração de alta importância: é que, em suas pesquisas, ele não procedeu por via de hipóteses, como o acusam; não supôs a existência do mundo espiritual para explicar os fenômenos que tinha sob as vistas; procedeu por meio da análise e da observação; *dos fatos remontou à causa e o elemento espiritual se lhe apresentou como força ativa; só o proclamou depois de havê-lo constatado.*

Como força e como lei da Natureza, a ação do elemento espiritual abre, assim, novos horizontes à Ciência, dando-lhe a chave de uma imensidão de problemas incompreendidos. Mas, se a descoberta de leis puramente materiais produziu revoluções materiais no mundo, a do elemento espiritual nele prepara uma revolução moral, pois muda totalmente o curso das idéias e das crenças mais arraigadas; mostra a vida sob outro aspecto; mata a superstição e o fanatismo; desenvolve o pensamento, e o homem, em vez de arrastar-se na matéria, de circunscrever sua vida entre o nascimento e a morte, eleva-se ao

infinito; sabe donde vem e para onde vai; vê um objetivo para o seu trabalho, para os seus esforços, uma razão de ser para o bem; sabe que nada do que adquire na Terra, em saber e moralidade, lhe é perdido, e que seu progresso continua indefinidamente no além-túmulo; sabe que há sempre um futuro para si, sejam quais forem a insuficiência e a brevidade da existência presente, ao passo que a idéia materialista, circunscrevendo a vida à existência atual, dá-lhe como perspectiva o nada, que não tem por compensação sequer a duração, que ninguém pode aumentar à vontade, já que podemos cair amanhã, em uma hora, e então o fruto dos nossos labores, de nossas vigílias, dos conhecimentos adquiridos estarão para nós perdidos para sempre, muitas vezes sem termos tido tempo de desfrutá-los.

O Espiritismo, repito, ao demonstrar, não por hipótese, mas por fatos, a existência do mundo invisível e o futuro que nos aguarda, muda completamente o curso das idéias; dá ao homem a força moral, a coragem e a resignação, porque não mais trabalha apenas pelo presente, mas pelo futuro; sabe que se não gozar hoje, gozará amanhã. Demonstrando a ação do elemento espiritual sobre o mundo material, amplia o domínio da Ciência e, por isto mesmo, abre nova via ao progresso material. Então terá o homem uma base sólida para o estabelecimento da ordem moral na Terra; compreenderá melhor a solidariedade que existe entre os seres deste mundo, já que esta solidariedade se perpetua indefinidamente; a fraternidade deixa de ser palavra vã; ela mata o egoísmo, em vez de por ele ser morta e, muito naturalmente, o homem imbuído destas idéias a elas conformará suas leis e suas instituições sociais.

O Espiritismo conduz inevitavelmente a esta reforma. Assim, pela força das coisas, realizar-se-á a revolução moral que deve transformar a Humanidade e mudar a face do mundo, e isto tão-só pelo conhecimento de uma nova lei da Natureza, que dá outro curso às idéias, uma finalidade a esta vida, um objetivo às aspirações do futuro, fazendo encarar as coisas de outro ponto de vista.

Se os detratores do Espiritismo – falo dos que militam pelo progresso social, dos escritores que pregam a emancipação dos povos, a liberdade, a fraternidade e a reforma dos abusos – conhecessem as verdadeiras tendências do Espiritismo, seu alcance e seus inevitáveis resultados, em vez de ridicularizá-lo, como fazem, de interpor incessantemente obstáculos no seu caminho, nele vissem a mais poderosa alavanca para chegar à destruição dos abusos que combatem, em vez de lhe serem hostis, o aclamariam como um socorro providencial. Infelizmente, na sua maioria, crêem mais em si do que na Providência. Mas a alavanca age sem eles e a despeito deles, e a força irresistível do Espiritismo será tanto mais bem constatada quanto mais ele tiver de combater. Um dia dirão deles, o que não será para a sua glória, o que eles próprios dizem dos que combateram o movimento da Terra e dos que negaram a força do vapor. Todas as negações, todas as perseguições não impediram que estas leis naturais seguissem seu curso, assim como os sarcasmos da incredulidade não impedirão a ação do elemento espiritual, que é, também, uma lei da Natureza.

Considerado desta maneira, o Espiritismo perde o caráter de misticismo que lhe censuram os detratores, justamente aqueles que menos o conhecem. Não é mais a ciência do maravilhoso e do sobrenatural ressuscitada: é o domínio da natureza enriquecida por uma lei nova e fecunda, uma prova a mais do poder e da sabedoria do Criador; são, enfim, os limites recuados dos conhecimentos humanos.

Tal é, em resumo, senhores, o ponto de vista sob o qual se deve encarar o Espiritismo. Nesta circunstância, qual foi o meu papel? Nem o de inventor, nem o de criador. Vi, observei, estudei os fatos com cuidado e perseverança; coordenei-os e lhes deduzi as conseqüências: eis toda a parte que me cabe. Aquilo que fiz, outro poderia ter feito em meu lugar. Em tudo isto fui simples instrumento dos pontos de vista da Providência, e dou graças a Deus e aos Espíritos bons por se terem dignado servir-se de mim.

É uma tarefa que aceitei com alegria, e da qual me esforcei por tornar-me digno, pedindo a Deus me desse as forças necessárias para realizá-la segundo a sua santa vontade. No entanto, a tarefa é pesada, mais pesada do que possam imaginá-la; e se tem para mim algum mérito, é que tenho a consciência de não haver recuado perante nenhum obstáculo e nenhum sacrifício. Será a obra da minha vida até meu último dia, porque, na presença de um objetivo tão importante, todos os interesses materiais e pessoais se apagam como pontos diante do infinito.

Termino esta alocução, senhores, dirigindo sinceras felicitações aos nossos irmãos da Bélgica, presentes ou ausentes, cujo zelo, devotamento e perseverança contribuíram para a implantação do Espiritismo neste país. Estou convicto de que as sementes plantadas nos grandes centros de população, como Bruxelas, Antuérpia, etc., não foram lançadas em solo estéril.

Uma Lembrança de Existências Passadas

Num artigo biográfico sobre *Méry*, publicado pelo *Journal littéraire* de 25 de setembro de 1864, encontra-se a seguinte passagem:

“Há teorias singulares, que para ele são convicções.

“Assim, ele crê firmemente que já viveu várias vezes; lembra-se das mínimas circunstâncias de suas existências precedentes e as detalha com entusiasmo, com uma certeza tal que impõe autoridade.

“Assim, foi um dos amigos de Virgílio e de Horácio, conheceu Augusto Germânico, fez a guerra nas Gálias e na Germânia. Era general e comandava as linhas romanas quando

estas atravessaram o Reno. Reconhecia nas montanhas lugares onde havia acampado, os vales de campos de batalha onde combateu. Lembra-se de conversas em casa de Mecenas, que são o terno objeto de seus pesares. Chamava-se Minius.

“Um dia, na sua vida atual, estava em Roma e visitava a biblioteca do Vaticano. Foi recebido ali por jovens noviços, vestidos em longas roupas escuras, que se puseram a lhe falar no latim mais puro. *Méry* era bom latinista, no que tange à teoria e às coisas escritas, mas ainda não havia experimentado conversar familiarmente na língua de Juvenal. Ouvindo esses romanos de hoje, admirando esse magnífico idioma, tão bem harmonizado com os monumentos, com os costumes da época em que era usado, teve a impressão de que um véu lhe caía dos olhos; pareceu-lhe que ele próprio havia conversado, em outros tempos, com amigos que se serviam dessa linguagem divina. Frases feitas e impecáveis fluíam de seus lábios; encontrou imediatamente a elegância e a correção; enfim, falou latim como fala francês; teve em latim o espírito que tem em francês. Nada disso se podia fazer sem aprendizagem e, se não tivesse sido um súdito de Augusto, se não tivesse atravessado aquele século de todos os esplendores, não teria improvisado uma ciência, impossível de adquirir em algumas horas.

“Outra passagem sua na Terra foi nas Índias, razão por que as conhece bem. Por isso, quando publicou a *Guerre du Nizam*, nenhum de seus leitores terá duvidado que ele não tivesse morado muito tempo na Ásia. Suas descrições são vivas, seus quadros são originais, toca com o dedo detalhes tais que é impossível não tenha visto o que conta, pois aí está o cunho da verdade.

“Pretende ter entrado naquele país com uma expedição muçulmana, em 1035. Lá viveu cinqüenta anos, passou belos dias e ali se fixou para não mais sair. Era poeta, mas menos letrado que em Roma e em Paris. A princípio guerreiro, depois sonhador, guardou na alma as imagens impressionantes das margens do rio

sagrado e dos ritos hindus. Tinha várias moradas, na cidade e no campo, orou nos templos dos elefantes, conheceu a civilização avançada de Java, viu de pé as esplêndidas ruínas que assinala e que ainda se conhece tão pouco.

“É preciso ouvi-lo contar esses poemas, pois são verdadeiros poemas essas lembranças à maneira de Swedenborg. Ele é muito sério, não o duvideis. Não é uma mistificação arranjada à custa dos ouvintes, mas uma realidade de que ele consegue convencer-vos.

“E suas doutrinas sobre a História, que possui admiravelmente! E suas anedotas tão finas, que projetam nova luz sobre tudo quanto tocam! E seus relatos, que são romances, que quase nos fazem chorar, depois de não termos podido conter o riso! Tudo isto faz de Méry um dos homens mais maravilhosos dos tempos em que viveu e, mesmo, daqueles em que sua alma errante aguardava sua vez para entrar num corpo e novamente fazer que dela falassem as gerações sucessivas.”

Pierre Dangeau

O autor do artigo não acompanha este fato de nenhuma reflexão. Depois de ter exaltado o alto mérito de Méry e sua grande inteligência, foi inconseqüente ao tachá-lo de louco. Se, pois, Méry é um homem de bom-senso, de alto valor intelectual; se a crença de já ter vivido é nele uma convicção; se essa convicção não é produto de um sistema de sua maneira de ver, mas o resultado de uma lembrança retrospectiva e de um fato material, a coisa não é de chamar a atenção de todo homem sério? Vejamos a que conseqüências incalculáveis este simples fato nos conduz.

Se Méry já viveu, isto não deve constituir uma exceção, porquanto as leis da Natureza são as mesmas para todos e, assim, todos os homens também devem ter vivido; se já vivemos, por certo não é o corpo que renasce, mas o princípio inteligente, a

alma, o Espírito. Temos, pois, uma alma. Uma vez que Méry conservou a lembrança de várias existências, e desde que os lugares lhe recordam o que viu outrora, com a morte do corpo a alma não se perde no todo universal; conserva, pois, a sua individualidade, a consciência do seu *eu*.

Lembrando-se Méry do que foi há dois mil anos, em que se tornou sua alma no intervalo? Precipitou-se no oceano do infinito ou se perdeu nas profundezas do espaço? Não; sem isto ela não reencontraria sua individualidade de outrora. Então deve ter ficado na esfera da atividade terrestre, vivendo a vida espiritual, em nosso meio ou no espaço que nos rodeia, até retomar um novo corpo. Não sendo Méry único no mundo, deve haver em torno de nós uma população inteligente, invisível.

Renascendo para a vida corporal, depois de um intervalo mais ou menos longo, a alma renasce no estado primitivo? como alma nova? ou aproveita as idéias adquiridas em suas existências anteriores? A lembrança retrospectiva resolve a questão por um fato: Se Méry tivesse perdido as idéias adquiridas, não teria reconhecido a língua que falava outrora; a visão dos lugares nada lhe teria recordado.

Mas se já vivemos, por que não reviveríamos ainda? Por que esta existência seria a última? Se renascemos com o desenvolvimento intelectual realizado, a intuição que trazemos das idéias adquiridas é um fundo que ajuda a aquisição de novas idéias, que torna o estudo mais fácil. Se, numa existência, o homem for apenas um matemático pela metade, precisará de menos trabalho para ser um matemático completo. É uma consequência lógica. Se se tornou mais ou menos bom, se se corrigiu de alguns defeitos, terá menos dificuldade para tornar-se ainda melhor, e assim por diante.

Nada do que adquirimos em inteligência, em saber e em moralidade fica perdido; quer morramos jovens ou velhos, quer tenhamos ou não tempo de aproveitá-lo na existência presente,

colheremos os seus frutos em existências subseqüentes. As almas que animam os franceses civilizados de hoje podem, então, ser as mesmas que animavam os bárbaros francos, ostrogodos, visigodos, os gauleses selvagens, os conquistadores romanos, os fanáticos da Idade Média, mas que, a cada existência, deram um passo à frente, apoiadas nos passos precedentes, e que progredirão ainda. Eis, pois, resolvido o grande problema da Humanidade, contra o qual se chocaram tantos filósofos! está resolvido pelo simples fato da pluralidade das existências. Mas quantos problemas hão de encontrar a sua solução na solução deste! Que horizontes novos isto não abre! É toda uma revolução nas crenças e nas idéias.

Assim raciocinará o pensador sério, o homem refletido. Um fato é um ponto de partida, do qual tira conseqüências. Ora, quais são os pensamentos que o caso de Méry desperta no autor do artigo? Ele próprio os resume nestas palavras: “Há teorias singulares, que para ele são convicções.”

Mas se esse autor vê em tudo isto apenas uma coisa bizarra, pouco digna de sua atenção, não se dá o mesmo com todo o mundo. Alguém encontra em seu caminho um diamante bruto que, por lhe desconhecer o valor, não se digna apanhar, enquanto outra pessoa saberá apreciá-lo e tirar proveito.

Hoje as idéias espíritas se produzem sob todas as formas; estão na ordem do dia e, sem querer confessá-las, a imprensa as registra e as semeia em profusão, crendo que apenas enriquece suas colunas de facécias. Não é impressionante que todos os adversários da idéia, sem exceção, trabalhem sem trégua para a sua propagação? Gostariam de falar o que a força das coisas os arrasta a falar. Assim o quer a Providência – para os que crêem na Providência.

Dirão que raciocinamos sobre um fato isolado, incapaz de fazer lei, porquanto, se a pluralidade das existências fosse uma condição inerente à Humanidade, por que nem todos os homens se

recordam, como Méry? A isto respondemos: Dai-vos ao trabalho de estudar o Espiritismo e o sabereis. Não repetiremos, pois, o que cem vezes foi demonstrado em relação à inutilidade da lembrança, para aproveitar a experiência adquirida nas existências precedentes e o perigo dessa lembrança para as relações sociais.

Mas há outra causa para esse esquecimento, de certo modo fisiológica, devida, ao mesmo tempo, à materialidade do nosso envoltório e à identificação do nosso Espírito pouco adiantado com a matéria. À medida que o Espírito se depura, os laços materiais são menos tenazes, o véu que obscurece o passado menos opaco; assim, a faculdade da lembrança retrospectiva segue o desenvolvimento do Espírito. O fato é raro em nossa Terra, porque a Humanidade ainda é muito material; mas seria erro supor que Méry seja um exemplo único. De vez em quando Deus permite que um Méry se apresente, a fim de trazer aos homens o conhecimento da grande lei da pluralidade das existências, a única que explica a origem de suas qualidades boas ou más, mostra-lhe a justiça das misérias que aqui suporta e lhe traça a rota do futuro.

A inutilidade da lembrança para aproveitar o passado é o que custam mais a compreender os que não estudaram o Espiritismo; para os espíritas é uma questão elementar. Sem repetir o que já foi dito a respeito, a seguinte comparação poderá facilitar o seu entendimento.

O aluno percorre a série de classes, desde a oitava até a filosofia. O que aprendeu na oitava lhe serve para aprender o que ensinam na sétima. Suponhamos agora que no fim da oitava tenha perdido toda a lembrança do tempo passado nesta classe; nem por isto seu Espírito será menos desenvolvido e dotado de conhecimentos adquiridos; apenas não se lembrará nem onde nem como os adquiriu, mas, em face do progresso realizado, estará apto a aproveitar as lições da sétima. Imaginemos, ainda, que na oitava tenha sido preguiçoso, colérico, indócil, mas que, tendo sido

castigado e moralizado, seu caráter se tenha modificado, tornando-se laborioso, doce e obediente; levará essas qualidades para a nova classe, que lhe parecerá ser a primeira. De que lhe serviria saber que foi fustigado pela preguiça, se agora já não é preguiçoso? O essencial é que chegue na sétima melhor e mais capaz do que era na oitava. Assim será de classe em classe.

Pois bem! o que não acontece ao escolar, nem ao homem nos diferentes períodos de sua vida, existe para ele de uma existência a outra: eis toda a diferença; mas o resultado é exatamente o mesmo, embora em maior escala.

(Vide outro exemplo de lembrança do passado relatado na *Revista Espírita* de julho de 1860).

Um Criminoso Arrependido²⁵

(Continuação)

(Passy, 4 de outubro de 1864 – Médiun: Sr. Rul.)

Nota – O médium tivera a intenção de evocar Latour desde o momento do suplício. Tendo perguntado a seu guia espiritual se poderia fazê-lo, este respondeu que esperasse lhe fosse indicado o momento. Somente no dia 3 de outubro a autorização foi dada, após ter lido o artigo da *Revista*, que fazia referência ao caso.

P. – Ouvistes as minhas preces?

Resp. – Sim; ouvi-as e vo-las agradeço, não obstante a minha perturbação.

Fui evocado quase imediatamente depois da minha morte, porém não pude manifestar-me logo, de modo que muitos

25 N. do T.: Vide *O Céu e o Inferno*, 2ª parte, capítulo VI – Jacques Latour (continuação).

Espíritos levianos tomaram-me o nome e a vez. Aproveitei a estada em Bruxelas do Presidente da Sociedade de Paris e comuniquei-me, com a aquiescência de Espíritos superiores.

Voltarei a manifestar-me na Sociedade, a fim de fazer revelações que serão um começo de reparação às minhas faltas, podendo também servir de ensinamento a todos os criminosos que me lerem e meditarem na exposição dos meus sofrimentos. É somente sobre o Espírito dos homens fracos ou das crianças que a narrativa de penas infernais pode produzir efeitos terroristas. Ora, um grande malfeitor não é um espírito pusilânime, e o temor da polícia é para ele mais real que a descrição dos tormentos do inferno. Eis por que todos os que me lerem ficarão comovidos com as minhas palavras e com os meus padecimentos, que não são ficções. Não há um só padre que possa dizer que viu o que tenho visto, porque tenho assistido às torturas dos danados. Mas, quando eu vier dizer: – “Eis o que se passou após a minha morte, a morte do corpo; eis a minha enorme decepção ao me reconhecer vivo, ao contrário do que supunha e tinha tomado pelo termo dos suplícios, quando era o começo de outras torturas, aliás indescritíveis!” – então, mais de um se deterá à borda do precipício em que ia despenhar-se, e cada um dos desgraçados, desviados por mim da senda criminosa, concorrerá para o resgate das minhas faltas. É assim que do próprio mal sai o bem, e que a vontade de Deus se manifesta em toda parte, na Terra como no espaço.

Foi-me permitido libertar-me do olhar das minhas vítimas transformadas em carrascos, a fim de comunicar convosco; ao deixar-vos, entretanto, tornarei a vê-las e só esta idéia me causa tal sofrimento que eu não poderia descrevê-lo. Sou feliz quando me evocam, porque assim deixo o meu inferno por alguns instantes.

Orai sempre ao Senhor por mim, pedi-lhe que me liberte do olhar das minhas vítimas.

Sim, oremos juntos. A prece faz tanto bem... Estou mais aliviado; não sinto tão pesado o fardo que me acabrunha. Vejo um resquício de esperança luzindo-me aos olhos e, contrito, exclamo: Bendita a mão do Senhor e seja feita a sua vontade!

J. Latour

O guia espiritual do médium dita o seguinte:

“Não tome os primeiros gritos do Espírito que se arrepende como sinal infalível de suas resoluções. Ele pode estar de boa-fé em suas promessas, porque a primeira impressão que sente ao se ver no mundo dos Espíritos é de tal modo fulminante que, ao primeiro testemunho de caridade que recebe de um Espírito encarnado, ele se entrega às expansões do reconhecimento e do arrependimento. Mas, por vezes, a reação é igual à ação e, em muitas outras, esse Espírito culpado, que ditou a um médium tão boas palavras, pode voltar à sua natureza perversa, às suas tendências criminosas. Como uma criança que ensaia os primeiros passos, precisa de ajuda para não cair.”

No dia seguinte o Espírito Latour foi evocado novamente.

O médium – Em vez de pedir a Deus para vos furtar ao olhar das vossas vítimas, eu vos convido a pedir a Ele que vos dê a força necessária para suportardes essa tortura expiatória.

Latour – Eu preferiria livrar-me de tais olhares. Se soubésseis quanto sofro... O homem mais insensível comover-se-ia vendo impressos na minha fisionomia, como que a fogo, os sofrimentos de minha alma. Farei, entretanto, o que me aconselhais, pois compreendo ser esse um meio de expiar um pouco mais rapidamente as minhas faltas. É qual dolorosa operação que viesse curar um corpo gravemente adoentado. Ah! Pudessem ver-me os culpados da Terra, e ficariam apavorados das

conseqüências de seus crimes, desses crimes que, ignorados dos homens, são, no entanto, vistos pelos Espíritos. Como a ignorância é fatal para tanta gente!

Que responsabilidade assumem os que recusam instrução às classes pobres da sociedade! Acreditam que com polícia e soldados se previnem crimes... Que grande erro! Se dobrassem ou quadruplicassem o número de agentes da autoridade, os mesmos crimes seriam cometidos, porque é preciso que os Espíritos maus encarnados cometam crimes.

Eu me recomendo à vossa caridade.

Observação – Sem dúvida é por um resquício de preconceitos terrenos que diz Latour: “É preciso que os Espíritos maus encarnados cometam crimes.” Seria a fatalidade nas ações dos homens, doutrina que a todos desculpava. Aliás, é muito natural que ao sair de semelhante existência, o Espírito não compreenda ainda a liberdade moral, sem a qual o homem estaria ao nível dos animais. Causa admiração que ele não diga coisas ainda piores.

A comunicação seguinte, do mesmo Espírito, foi obtida espontaneamente em Bruxelas, pela Sra. C..., o mesmo médium que havia servido de instrumento à cena relatada no número de outubro.

“Nada mais receeis de mim; estou mais tranqüilo, embora ainda padeça. Vendo o meu arrependimento, Deus teve compaixão de mim. Agora *sofro por causa desse arrependimento, que me demonstra a enormidade dos meus crimes.* Bem aconselhado na vida, eu não teria jamais praticado todo esse mal, mas, sem repressão, obedeci cegamente aos meus instintos. Se todos os homens pensassem mais em Deus, ou, antes, se nele acreditassem, tais faltas não seriam cometidas.

“Falha é, porém, a justiça dos homens; uma falta muita vez passageira leva o homem ao cárcere, que não deixa de ser um foco de perversão. Daí sai ele completamente corrompido pelos maus exemplos e conselhos. Dado porém que a sua índole seja boa e forte para se não corromper, ainda assim, de lá saído, ele vai encontrar fechadas todas as portas, retraídas todas as mãos, indiferentes todos os corações! Que lhes resta pois? O desprezo, a miséria, o abandono e o desespero, se é que o assistem boas resoluções de se corrigir. Então a miséria o leva aos extremos, e assim é que também ele se toma de desprezo por seu semelhante, assim é que o odeia e perde a noção do bem e do mal, por isso que repellido se encontra, a despeito das suas boas intenções. Para angariar o necessário, rouba, mata às vezes, e depois... depois o executam! Meu Deus, ao ser presa novamente das minhas alucinações, sinto que a vossa mão se estende por sobre mim; sinto que a vossa bondade me envolve e protege.

“Obrigado, meu Deus! na próxima existência empregarei toda a minha inteligência no socorro aos desgraçados que sucumbiram, a fim de os preservar da queda. Obrigado a vós que não desdenhais de comunicar comigo; nada receeis, pois bem o vedes, eu não sou mau. Quando pensardes em mim, não vos figureis o meu retrato pelo que de mim vistes, mas o de uma alma angustiada que agradece a vossa indulgência.

“Adeus; evocai-me ainda e orai a Deus por mim.”

Latour

Observação – O Espírito faz alusão ao temor que sua presença inspirava ao médium.

“Sofro, diz ele ainda, por esse arrependimento, que me mostra a enormidade de minhas faltas.” Há nisto um pensamento profundo. Realmente, o Espírito não compreende a gravidade de seus erros senão quando se arrepende; o arrependimento traz o pesar, o remorso, sentimento doloroso, que é a transição do mal

para o bem, da doença moral para a saúde moral. É para se furtarem a isto que os Espíritos perversos se tornam inflexíveis à voz da consciência, como os doentes que repelem o remédio que os deve curar. Procuram iludir-se e atordoar-se, persistindo no mal. Latour chegou a um período em que o endurecimento acaba por ceder; o remorso entrou em seu coração; seguiu-se o arrependimento; compreende a extensão do mal que fez; vê a sua abjeção e sofre com isto. Eis por que diz: “Sofro por esse arrependimento.” Em sua existência precedente, deveria ter sido pior que nesta, porquanto, se se tivesse arrependido como o fez agora, sua vida teria sido melhor. As resoluções tomadas agora influirão sobre sua existência terrestre futura; a que acaba de deixar, por mais criminosa que tenha sido, marcou-lhe uma etapa de progresso. É mais que provável que, antes de começá-la, ele fosse, na erraticidade, um desses Espíritos maus, rebeldes, obstinados no mal, como se vêem tantos.

Muitas pessoas perguntaram que proveito poder-se-ia tirar das existências passadas, já que não se lembram do que foram, nem do que fizeram.

Esta questão está completamente resolvida, levando-se em conta que, se o mal que praticamos estivesse apagado, e se dele não restasse traço algum em nossos corações, sua lembrança seria inútil, uma vez que com eles não mais temos de nos preocupar. Quanto àquilo de que não nos corrigimos completamente, nós o conhecemos por nossas tendências atuais; é para estas que devemos concentrar toda a nossa atenção. Basta saber o que somos, sem que seja necessário saber o que fomos.

Durante a vida, quando se considera a dificuldade da reabilitação do mais arrependido dos culpados, da reprovação de que é objeto, deve-se agradecer a Deus por ter lançado um véu sobre o passado. Se Latour tivesse sido condenado em tempo hábil, e mesmo se tivesse sido absolvido, seus antecedentes levariam a sociedade a rejeitá-lo. A despeito do seu arrependimento quem o

teria admitido na intimidade? Os sentimentos que hoje manifesta como Espírito nos fazem esperar que, na próxima existência terrena, será um homem de bem, estimado e considerado. Mas supõe que se saiba quem foi Latour: a reprovação ainda o perseguirá. O véu lançado sobre o passado abre-lhe a porta da reabilitação; poderá sentar-se sem temor e sem desonra entre as mais distintas pessoas. Quantos não gostariam, fosse qual fosse o preço, de apagar da memória dos homens certos anos de sua existência!

Que se encontre, então, uma doutrina que melhor se concilie com a justiça e a bondade de Deus! Aliás, esta doutrina não é uma teoria, mas um resultado da observação. Não foram os espíritos que a imaginaram; eles viram e observaram as diversas situações em que se apresentam os Espíritos; procuraram a sua explicação, da qual saiu a doutrina. Se a aceitaram é porque ela resulta dos fatos e lhes pareceu mais racional que todas as concebidas até hoje sobre o futuro da alma.

Latour foi evocado muitas vezes, o que era muito natural. Mas, como sucede em casos semelhantes, houve muitas comunicações apócrifas, e os Espíritos levianos não perderam essa ocasião. A própria situação de Latour se opunha a que se pudesse manifestar quase simultaneamente em tantos pontos ao mesmo tempo. Tal ubiqüidade só é privilégio dos Espíritos superiores.

As comunicações que referimos são mais autênticas? Pensamos que sim e o desejamos, sobretudo para o bem desse Espírito. Em falta dessas provas materiais, que constata a identidade de modo absoluto, como muitas vezes são obtidas, pelo menos temos provas morais, que tanto resultam das circunstâncias em que ocorrem as manifestações, quanto da concordância. Sobre as comunicações que conhecemos, oriundas de fontes diversas, pelo menos três quartas partes concordam quanto ao fundo; entre as outras algumas não resistem a um exame, tão evidente é o erro

de situação, em flagrante contradição com o que nos ensina a experiência sobre o estado dos Espíritos no mundo espiritual.

Seja como for, não se pode recusar àquelas que citamos um alto ensino moral. O Espírito pode ter sido, deve mesmo ter sido ajudado em suas reflexões e, sobretudo, na escolha das expressões, por Espíritos mais adiantados. Mas, em casos semelhantes, estes últimos só assistem na forma, e não no fundo, e jamais põem o Espírito inferior em contradição consigo mesmo. Em Latour puderam poetizar a forma do arrependimento, mas não o teriam levado a exprimir o arrependimento contra a sua vontade, porque o Espírito tem o seu livre-arbítrio; nele viam o germe dos bons sentimentos, razão por que o ajudaram a exprimi-los, contribuindo, dessa maneira, para desenvolvê-los, ao mesmo tempo que para ele atraíram a comiseração.

Há algo de mais comovente, de mais moral, susceptível de impressionar mais vivamente, do que o quadro desse grande criminoso arrependido, a manifestar desespero e remorso? que, em meio às torturas, perseguido pelo olhar incessante de suas vítimas, eleva o pensamento a Deus para implorar misericórdia? Não está aí um salutar exemplo para os culpados? Tudo é sensato em suas palavras; tudo é natural em sua situação, enquanto a que lhe é atribuída por certas comunicações é ridícula. Compreende-se a natureza de suas angústias; elas são racionais, terríveis, embora simples e sem encenação fantasmagórica. Por que se não teria arrependido? Por que não haveria nele uma corda sensível e vibrante? Está precisamente aí o lado moral de suas comunicações; é a inteligência que tem da situação; são os pesares, as resoluções, os projetos de reparação que são eminentemente instrutivos. Que haveria de extraordinário no fato de ter-se arrependido sinceramente antes de morrer? que tivesse dito antes o que dissera depois?

Aos olhos da maioria de seus semelhantes, um retorno

ao bem antes de sua morte teria passado por uma fraqueza. Sua voz de além-túmulo é a revelação do futuro que os aguarda. Está absolutamente certo quando diz que o seu exemplo é mais adequado a reconduzir os culpados que as perspectiva das chamas do inferno e, mesmo, o patíbulo. Por que, então, não o daria nas prisões? Isto levaria mais de um a refletir, conforme temos vários exemplos. Como, porém, acreditar nas palavras de um morto, quando se crê que, após a morte, tudo está acabado? Contudo, dia virá em que se reconhecerá esta verdade: que os mortos podem vir e instruir os vivos.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

PIERRE LEGAY, O GRAND-PIERROT

(Paris, 16 de agosto de 1864 – Médiun: Sra. Delanne)

Pierre Legay era um rico cultivador um pouco interesseiro, falecido há dois anos e parente da Sra. Delanne. Era conhecido na região pela alcunha de *Grand-Pierrot*.

A conversa seguinte mostra um dos ângulos mais interessantes do mundo invisível, o dos Espíritos que ainda se julgam vivos. Foi obtida pela Sra. Delanne, que a comunicou à Sociedade de Paris. O Espírito se exprime exatamente como o fazia em vida; a própria trivialidade da linguagem é uma prova de identidade. Tivemos de suprimir algumas expressões que lhe eram familiares, por causa de sua crueza.

Diz a Sra. Delanne: “Desde algum tempo ouvíamos batidas à nossa volta; presumindo que pudesse ser um Espírito, pedimos-lhe se desse a conhecer. Ele logo escreveu: Pierre Legay, cognominado Grand-Pierrot.

P. – Eis-vos, então, em Paris, Grand-Pierrot, vós que

tínheis tanta vontade de vir aqui?

Resp. – Estou aqui, meu caro amigo; vim só, já que *ela* veio sem mim. E, contudo, eu lhe dissera tanto que me prevenisse... mas, enfim, aqui estou. Estava aborrecido, porque não me deram atenção.

Observação – O Espírito alude à mãe da Sra. Delanne, que desde algum tempo tinha vindo morar em Paris, na casa de sua filha. Ele a designa por um epíteto que lhe era habitual e que substituímos por *ela*.

P. – Sois vós que bateis à noite?

Resp. – Onde quereis que eu vá? Não posso deitar-me em frente à porta.

P. – Então vos deitais em nossa casa?

Resp. – Mas, evidentemente. Ontem fui passear convosco (ver as iluminações). Vi tudo. Ah! como aquilo é bonito! Ainda bem! Pode dizer-se que fizeram belas coisas. Asseguro-vos que estou muito contente; não lamento o meu dinheiro.

P. – Por que caminho viestes a Paris? Então pudestes abandonar as vossas paragens?

Resp. – Mas, com os diabos! eu não posso cavar e estar aqui. Estou muito contente por ter vindo. Perguntais como vim; mas vim pela estrada de ferro.

P. – Com quem estáveis?

Resp. – Bem, palavra de honra! eu não os conhecia.

P. – Quem vos deu o meu endereço? Dizei, também, de onde vinha a simpatia que tínheis por mim.

Resp. – Mas quando fui à casa *dela* (a mãe da Sra. Delanne) e não a encontrei, perguntei ao guarda onde ela estava. Ele me disse que estava aqui: então eu vim. E, depois, vede, meu amigo, gosto de vós porque sois um bom rapaz; agradastes-me, sois

franco e eu gosto de todas essas crianças. Vede, quando se gosta dos parentes também se gosta das crianças.

P. – Dizei-me o nome da pessoa que guarda a casa de minha sogra, já que ela tem as chaves no bolso.

Resp. – Quem lá encontrei? Mas foi o pai Colbert, que me disse que ela lhe havia dito que prestasse atenção.

P. – Vedes aqui o meu sogro, papai Didelot?

Resp. – Como quereis que o veja, se não está aqui? Sabeis perfeitamente que ele morreu.

(2ª conversa, 18 de agosto de 1864)

Tendo ido passar o dia em Châtillon, o Sr. e a Sra. Delanne ali fizeram a evocação de Pierre Legay.

P. – Então, viestes a Châtillon?

Resp. – Mas eu vou sigo por toda parte.

P. – Como viestes aqui?

Resp. – Sois engraçados! Vim na vossa viatura.

P. – Não vos vi pagar a passagem!

Resp. – Subi com Marianne e depois vossa mulher. Pensei que a tínheis pago. Estava na parte superior; nada me pediram. Não pagastes? Por que o condutor não reclamou?

P. – Quanto custou a passagem de trem de Ligny a Paris?

Resp. – Na estrada de ferro não é a mesma coisa. Fui a pé de Tréveray a Ligny; depois tomei o comboio e paguei ao condutor.

P. – Foi mesmo ao condutor que pagastes?

Resp. – A quem querieis que eu tivesse pago? Mas, meu primo, então acreditais que eu não tenha dinheiro? Há muito tempo havia reservado dinheiro para vir. Não é por eu não ter pago a passagem que devem pensar que não tenho dinheiro. Sem isto eu não teria vindo.

P. – Mas não me respondestes quanto gastastes no percurso em estrada de ferro de Nançois-le-Petit até Paris.

Resp. – Mas, b... paguei como os outros. Dei 20 francos e me devolveram 3 francos e sessenta centavos. Vede quanto é.

Observação – A soma de 16 fr. e 40 c. é, de fato, a marcada no *guia de preços* da estrada de ferro, o que ignorava o casal Delanne.

P. – Quanto tempo levastes na estrada de ferro de Nançois a Paris?

Resp. – Tanto quanto os outros. Não fizeram a locomotiva funcionar mais depressa para mim do que para os demais. Aliás, eu não podia achar o tempo longo; jamais tinha viajado de trem e pensava que Paris era muito mais longe. O que me espanta mais é essa velhaca (a sogra do Sr. D...), que aí vem tantas vezes. Por Deus! estou contente de poder correr convosco. Apenas muitas vezes não respondeis. Compreendo: vossos negócios vos sobrecarregam muito. Ontem não ousei regressar convosco pela manhã (a casa comercial onde o Sr. D... está empregado) e fui visitar o cemitério de Montmartre, creio; não é assim que o chamais? Precisais dizer-me os nomes para que possa contá-los quando lá voltar. (Com efeito, o Sr. e a Sra. Delanne tinham ido pela manhã ao cemitério de Montmartre).

P. – Visto que nada vos prende à região, pensais em partir logo?

Resp. – Só depois de ter visto tudo, já que estou aqui. E, depois, palavra de honra, eles bem podem mexer um pouco os outros (seus filhos); farão como quiserem. *Quando eu não estiver*

mais aqui, terão de passar sem mim. Que dizeis, primo?

P. – O que achais do vinho de Paris? e da comida?

Resp. – Não é melhor do que aquele que vos fiz beber (O Espírito faz alusão a uma circunstância em que fez o Sr. D.. beber vinho engarrafado há vinte e cinco anos); contudo não é mau. Quanto à comida, tanto faz; muitas vezes como pão ao vosso lado. Não gosto de sujar um prato; não vale a pena, quando não estamos habituados. Por que fazer cerimônias?

P. – Então onde dormis? não notei vosso leito.

Resp. – Chegando, Marianne foi a um quarto escuro; pensei que fosse para mim; deitei-me lá. Falei várias vezes a todos.

P. – Em vossa idade, não temeis ser atropelado nas ruas de Paris?

Resp. – Ah! meu primo, o que mais me aborrece são esses tais de carros; por isso, não deixo as calçadas.

P. – Há quanto tempo estais em Paris?

Resp. – Sabeis perfeitamente que cheguei quinta-feira última; creio que há oito dias.

P. – Como não vi vossa mala, se precisardes de roupa branca não vos constrangeis.

Resp. – Tomei duas camisas; é o bastante; quando estiverem sujas, eu voltarei para casa; gostaria de não vos incomodar.

P. – Quereis dizer o que vos disse o pai Colbert antes de vossa partida para Paris?

Resp. – Ele está na casa de Marianne há um bom tempo. Vendendo-a, quis ainda ficar por lá. Diz que não perturba, pois a guarda.

P. – Dissestes ontem que não víeis meu sogro Didelot,

porque ele morreu. Como, então, vedes tão bem o pai Colbert, que também está morto há pelo menos trinta anos?

Resp. – Ah! perguntais o que ignoro; não havia refletido nisto. O que é certo é que ele lá está bem tranqüilo; mais não vos posso dizer.

Observação – O pai Colbert era o antigo proprietário da casa da mãe da Sra. Delanne. Parece que desde sua morte ficou na casa, da qual se constituiu guarda, e que, também ele, se julga ainda vivo. Assim, esses dois Espíritos, Colbert e Pierre Legay, se vêem e conversam como se ainda pertencessem a este mundo, não se dando conta de sua situação.

(3^a conversa, 19 de agosto de 1864)

P. – [Ao guia espiritual do médium]. Gostaríamos que désseis algumas instruções a respeito do Espírito Legay, e dizer-nos se já é tempo de fazer que compreenda sua verdadeira situação.

Resp. – Sim, meus filhos, desde ontem ele está perturbado, por causa de vossas perguntas; tudo para ele é confuso quando quer saber, pois ainda não reclama a proteção de seu anjo-da-guarda.

P. – [A Legay]. Estais aqui?

Resp. – Sim, meu primo, mas tudo isto é muito estranho. Não sei o que isto quer dizer. Não te vás sem mim, Marianne.

P. – Refletistes no que pedimos que ontem dissésseis a respeito do pai Colbert, que vistes vivo, quando, na verdade, ele está morto?

Resp. – Não posso saber como isto acontece. Apenas já ouvi dizer que havia aparições. Por Deus! creio que ele é um dos tais. Digam, contudo, o que quiserem: eu o vi perfeitamente. Mas estou cansado; preciso de um pouco de tranqüilidade.

P. – Credes em Deus e fazeis vossas preces diárias?

Resp. – Juro que sim; se isto não faz bem, não me pode fazer mal.

P. – Credes na imortalidade da alma?

Resp. – Oh! isto é diferente. Não posso pronunciar-me sobre isto; duvido.

P. – Se eu vos desse uma prova da imortalidade da alma, acreditaríeis?

Resp. – Oh! então os parisienses conhecem tudo? Só peço isto. Como fareis?

P. – [Ao guia do médium]. Podemos fazer a evocação do pai Colbert, para lhe provar que está morto?

Resp. – Não precisa ir tão depressa; trouxe-o de volta suavemente. Depois este outro Espírito vos fatigará muito esta noite.

P. – [A Legay]. Onde estais colocado, que não vos vejo?

Resp. – Não me vedes?! Ah! isto é demais! Então estais cego?

P. – Dai-vos conta da maneira por que nos falais, já que fazeis minha mulher escrever?

Resp. – Eu? juro que não.

(Várias perguntas novas foram dirigidas ao Espírito e ficaram sem resposta. Evocaram seu anjo-da-guarda, e um dos guias do médium respondeu o que se segue).

“Meus amigos, sou eu que venho responder, pois o anjo-da-guarda deste pobre Espírito não está com ele; só virá quando ele próprio o chamar e rogar ao Senhor que lhe conceda a luz. Posto ainda estivesse sob o império da matéria e não quisesse escutar a voz de seu anjo-da-guarda, este se afastou dele, já que

teimava em ficar estacionário. Com efeito, não era ele que te fazia escrever; falava como de hábito, persuadido de que o escutáveis; mas era seu Espírito familiar que te conduzia a mão. Para ele, conversava com teu marido; tu escrevias e tudo isto lhe parecia muito natural. Mas as vossas últimas perguntas e vossos pensamentos o levaram a Tréveray; está perturbado; orai por ele e mais tarde o chamareis; ele voltará depressa. Orai por ele; nós oraremos convosco.”

Já vimos alguns exemplos de Espíritos que se julgavam ainda vivos. Pierre Legay nos mostra essa fase da vida dos Espíritos da mais característica maneira. Os que se acham neste caso parecem ser mais numerosos do que se pensa; em vez de constituírem exceção, de oferecerem uma variedade no castigo, seria quase uma regra, um estado normal para os Espíritos de certa categoria. Assim, teríamos à nossa volta não só os Espíritos que têm consciência da vida espiritual, mas uma multidão de outros que, a bem dizer, vivem uma vida semimaterial, se julgam ainda neste mundo, continuam a vagar ou pensam consagrar-se às suas ocupações terrenas. Entretanto, seria um equívoco assimilá-los em tudo aos encarnados, porque se nota em suas atitudes e em suas idéias algo de vago e de incerto, que não é peculiar à vida corporal; é um estado intermediário, que nos dá a explicação de certos efeitos nas manifestações espontâneas e de certas crenças antigas e modernas.

Um fenômeno que pode parecer mais bizarro e não deixa de fazer sorrir os incrédulos é o dos objetos materiais que o Espírito julga possuir. Compreende-se que Pierre Legay se imagine subindo no trem, porque a estrada de ferro é uma coisa real, existe; mas compreende-se menos que ele creia ter dinheiro e pago a sua passagem.

Esse fenômeno encontra sua solução nas propriedades do fluido perispiritual e na teoria das criações fluídicas, princípio importante que dá a chave de muitos mistérios do mundo invisível.

Seja pela vontade, seja pelo pensamento, o Espírito opera no fluido perispiritual, que não passa de uma concentração do fluido cósmico ou elemento universal, uma transformação parcial que produz o objeto que deseja. Tal objeto é para nós uma aparência, mas para o Espírito é uma realidade. É assim que um Espírito, desencarnado recentemente, um dia apresentou-se numa reunião espírita a um médium vidente, com um cachimbo na boca, fumando. À observação que lhe fizeram, de que aquilo não era conveniente, respondeu: “Que quereis! tenho de tal modo o hábito de fumar que não posso dispensar meu cachimbo.” O que era mais singular é que o cachimbo soltava fumaça; não, naturalmente, para os assistentes, mas para o vidente.

Tudo deve estar em harmonia no mundo espiritual, como no mundo material; aos homens corporais, são precisos objetos materiais; aos Espíritos, cujo corpo é fluídico, são necessários objetos fluídicos; os objetos materiais não lhes serviriam, assim como os objetos fluídicos não serviriam aos homens corporais. Querendo fumar, o Espírito fumador criaria um cachimbo que, para ele, tinha a realidade de um cachimbo de barro. Legay queria dinheiro para pagar a passagem: seu pensamento criou a soma necessária. Para ele há realmente dinheiro, mas os homens não poderiam contentar-se com a moeda dos Espíritos. Assim se explicam as vestimentas com que se cobrem à vontade, as insígnias que usam, as diferentes aparências que podem assumir, etc.

As propriedades curativas dadas ao fluído pela vontade também se explicam por esta transformação. O fluido modificado age sobre o perispírito que lhe é similar e esse perispírito, intermediário entre o princípio material e o princípio espiritual, reage sobre a economia, na qual representa importante papel, embora ainda desconhecido pela Ciência.

Há, pois, o mundo corporal visível com os objetos materiais, e o mundo fluídico, invisível para nós, com os objetos

fluídicos. É de notar que os Espíritos de ordem inferior e pouco esclarecidos operam essas criações sem se darem conta da maneira por que neles se produz tais efeitos; eles não o podem explicar, como um ignorante da Terra é incapaz de explicar o mecanismo da visão, nem um camponês dizer como cresce o trigo.

As formações fluídicas ligam-se a um princípio geral, que será ulteriormente objeto de um desenvolvimento completo, quando tiver sido suficientemente elaborado.

O estado dos Espíritos na situação de Pierre Legay levanta várias questões. A que categoria pertencem precisamente os Espíritos que ainda se julgam vivos? A que se deve esta particularidade? A uma falta de desenvolvimento intelectual e moral? Muitos que são inferiores dão-se conta perfeitamente de seu estado e a maior parte dos que temos visto nesta situação não é dos mais atrasados. É uma punição? Talvez o seja para alguns, como para Simon Louvet, do Havre, o suicida da torre de Francisco I que, durante cinco anos, estava na apreensão da queda (*Revista Espírita* do mês de março de 1863); mas muitos outros não são infelizes e não sofrem, como testemunha Pierre Legay. (Vide como resposta a dissertação que se segue).

Dissertações Espíritas²⁶

SOBRE OS ESPÍRITOS QUE AINDA SE JULGAM VIVOS

(Sociedade de Paris, 21 de julho de 1864 – Médiun: Sr. Vézy)

Já vos falamos muitas vezes das diversas provas e expiações; mas diariamente não descobris novas? Elas são infinitas, como o são os vícios da Humanidade. Como vos estabelecer a sua

26 **N. do T.:** Embora o título *Dissertações Espíritas* não conste no original, Allan Kardec o registrou no sumário, razão por que o repomos em seu devido lugar.

nomenclatura? E, contudo, vindes reclamar por um fato e eu vou tentar instruir-vos.

Nem tudo é provação na existência. A vida do Espírito continua, como já vos foi dito, desde o nascimento até o infinito; para alguns a morte não passa de simples acidente, que em nada influi sobre o destino daquele que morre. Uma telha caída, um ataque de apoplexia, uma morte violenta, muitas vezes apenas separam o Espírito de seu envoltório material; mas o invólucro perispiritual conserva, pelo menos em parte, as propriedades do corpo que acaba de sucumbir. Se eu pudesse, num dia de batalha, abrir-vos os olhos que possuíis, mas dos quais não podeis fazer uso, veríeis muitas lutas continuando, muitos soldados se atirando ainda ao assalto, defendendo e atacando os redutos; ouvi-los-íeis até soltando hurras e gritos de guerra, em meio ao silêncio, e sob o véu lúgubre que se segue a um dia de carnificina. Terminado o combate, voltam a seus lares, para abraçar os velhos pais, as velhas mães, que os esperam. Para alguns, esse estado às vezes dura muito; é uma continuidade da vida terrestre, um estado misto entre a vida corporal e a vida espiritual. Por que, se foram simples e honestos, sentiriam o frio da tumba? Por que passariam bruscamente da vida à morte, da claridade do dia à noite? Deus não é injusto e deixa aos pobres de espírito esse prazer, esperando que vejam seu estado pelo desenvolvimento das próprias faculdades, e que possam passar calmamente da vida material à vida real do Espírito.

Consolai-vos, pois, vós que tendes pais, mães, irmãos ou filhos que se extinguiram sem luta. Talvez lhes seja permitido ainda que seus lábios se aproximem de vossas fronteiras. Enxugai as lágrimas: o pranto vos é doloroso e eles se admiram vendo que chorais; cercam com os braços o vosso pescoço e vos pedem que lhes sorriam. Sorri, pois, a esses invisíveis e orai para que troquem o papel de companheiros pelo de guias; para que abram as suas asas espirituais, que lhes permitirão adejar no infinito e vos trazer as suas suaves emanações.

Notai bem que não vos digo que todas as mortes repentinas fazem o Espírito cair nesse estado. Não; mas não há um só cuja matéria não tenha de lutar com o Espírito que volta a si. Houve o duelo, a carne rasgou-se, o Espírito se obscureceu no momento da separação e, na erraticidade, reconheceu a verdadeira vida.

Agora vou dizer-vos algumas palavras sobre aqueles para os quais este estado é uma provação. Oh! como ele é penoso! eles se julgam vivos e bem vivos, possuindo um corpo capaz de sentir e deleitar-se com os prazeres da Terra; porém, quando suas mãos os querem tocar, eles se desvanecem; quando querem aproximar os lábios de uma taça ou de uma fruta, os lábios se aniquilam; vêem, querem tocar, mas não podem sentir nem tocar. Que bela imagem oferece o paganismo desse suplício, ao apresentar Tântalo com sede e com fome e jamais podendo tocar os lábios na fonte de água, que sussurra ao seu ouvido, ou no fruto, que parece maduro para ele! Há maldições e anátemas nos gritos desses infelizes! Que fizeram para suportar tais sofrimentos? Perguntai a Deus: é a lei, que foi escrita por ele. Quem mata a espada morrerá pela espada; quem profanou o próximo, por sua vez será profanado. A grande lei de talião estava escrita no livro de Moisés e ainda está no grande livro da expiação.

Orai, pois, incessantemente pelos que chegam à hora final; seus olhos se fecharão; dormirão no espaço como dormiram na Terra e, ao despertar, encontrarão não mais um juiz severo, mas um pai compassivo, a assinalar-lhes novas obras e novos destinos.

Santo Agostinho

Variedades

SUICÍDIO FALSAMENTE ATRIBUÍDO AO ESPIRITISMO

Conforme o *Sémaphore* de Marselha, de 29 de setembro, vários jornais se empenharam em reproduzir o seguinte fato:

“Anteontem à noite, uma casa da Rua Paradis foi teatro de doloroso acontecimento. Um industrial que tem naquela rua uma loja de lâmpadas, deu cabo à própria vida, empregando, para executar sua fatal resolução, forte dose de um dos mais enérgicos venenos.

“Eis em que circunstância ocorreu o suicídio:

“Desde algum tempo, esse industrial dava sinais de certo distúrbio do cérebro, talvez em parte produzido pelo abuso de licores fortes, mas, sobretudo, pela prática do Espiritismo, esse flagelo moderno, que já fez tantas vítimas nas grandes cidades, e que agora ameaça exercer sua ação maléfica até nos campos. Não obstante a sua boa clientela, que lhe assegurava um trabalho frutífero, X... não estava muito bem de negócios e, por vezes, tinha dificuldade para efetuar seus pagamentos. Em consequência, seu humor era geralmente sombrio e seu caráter rabugento.”

O artigo constata que o indivíduo abusava de licores fortes e que seus negócios não iam bem, circunstâncias que muitas vezes ocasionaram acidentes cerebrais e levaram ao suicídio. Entretanto, o autor do artigo não admite essas causas senão como possíveis ou acessórias, na circunstância de que se trata, enquanto atribui o acontecimento, *sobretudo, à prática do Espiritismo.*

A carta seguinte, que nos foi escrita de Marselha, resolve a questão e ressalta a boa-fé do redator:

“Caro mestre,

“A *Gazette du Midi* e o *Sémaphore* de Marselha, de 29 de setembro, publicaram um artigo sobre o envenenamento voluntário de um industrial, atribuído à prática do Espiritismo. Tendo conhecido pessoalmente esse infeliz, que era da mesma loja maçônica que eu, sei de maneira positiva que ele *jamaiz se ocupou de Espiritismo e nunca tinha lido qualquer obra ou publicação sobre esta*

matéria. Autorizo-vos a usar o meu nome, pois estou pronto a provar a veracidade do que avanço; se for necessário, todos os meus irmãos e os melhores amigos do defunto consideram um dever certifi-cá-lo. Oxalá tivesse ele conhecido e compreendido o Espiritismo, pois nele teria encontrado a força de resistir às funestas inclinações que o conduziram àquele ato insensato.

“Aceitai, etc.”

Chavaux,

Doutor em Medicina, rue du Petit-Saint-Jean

SUICÍDIO IMPEDIDO PELO ESPIRITISMO

Escrevem-nos de Lyon, em 3 de outubro de 1864:

“Conheceis a reputação do capitão B... É um homem de fé ardente, de convicção comprovada; dele já falastes em vossa *Revista*. Há algum tempo achava-se nas margens do rio Saône, em companhia de um advogado, espírita como ele. Prolongando o passeio, aqueles senhores entraram num restaurante para almoçar e logo viram outro viajante, entrando no mesmo estabelecimento. O recém-chegado falava alto, ordenava o prato com brusquidão e parecia querer monopolizar o pessoal do restaurante. Vendo esse sem-cerimônia, o capitão disse em voz alta algumas palavras um pouco severas ao recém-vindo. De repente sentiu-se tomado de estranha tristeza. O Sr. B... é médium audiente; ouve distintamente a voz de seu filho, do qual recebe freqüentes comunicações, murmurando ao seu ouvido: ‘O homem tão rude que estais vendo vai suicidar-se. Vem aqui fazer sua última refeição.’

“O capitão levanta-se precipitadamente, dirige-se ao desordeiro e lhe pede perdão por ter externado tão alto o seu pensamento. Depois o arrasta para fora do estabelecimento e lhe diz: ‘Senhor, ides suicidar-vos.’ Houve grande estupefação da parte do indivíduo, ancião de setenta e seis anos, que lhe respondeu:

‘Quem vos pode revelar semelhante coisa?’ – ‘Deus’, respondeu o Sr. B... Depois, começou a falar-lhe docemente e com bondade sobre a imortalidade da alma e, reconduzindo-o a Lyon, o entreteve sobre o Espiritismo e de tudo quanto em casos tais Deus pode inspirar, a fim de encorajar e consolar.

“O velho contou-lhe sua história. Antigo ortopedista, tinha sido arruinado por um sócio infiel. Ficando doente, viu-se forçado a ficar longo tempo no hospital; mas, uma vez curado, sua saúde o atirou no olho da rua, sem nenhum recurso. Foi recolhido por uma pobre operária, criatura sublime que, durante meses seguidos, o alimentou, sem a isto ser obrigada por nenhum laço que não fosse a piedade. Mas o medo de lhe continuar sendo um fardo o havia impellido ao suicídio.

“O capitão foi ver a digna mulher, encorajou-a, ajudou-a; mas quando se tem de viver, o dinheiro acaba depressa e ontem todo o parco mobiliário da operária teria sido vendido se alguns espíritas não tivessem resgatado os poucos móveis de seu único quarto, pois, desde que passou a alimentar o velho, há um ano, a casa de penhores havia apreendido colchões, cobertores, etc. A penhora foi suspensa graças aos bons corações, tocados por esse generoso devotamento. Mas não é tudo: é preciso continuar até que o velho tenha conseguido um refúgio junto às irmãs de caridade. A respeito, Cárta fez-me escrever uma comunicação, que vos remeto, com toda a expressão de nosso reconhecimento, a vós, caro senhor, que nos tornastes espíritas. Quanto a mim, não esqueço que me convidastes a ir ter convosco, quando voltardes.”

Eis a comunicação:

Apelo aos bons corações.

“O Espiritismo, esta estrela do Oriente, não vem somente abrir-vos as portas da Ciência. Faz mais que isto: é um amigo que vos conduz uns aos outros, para vos ensinar o amor ao

próximo e, sobretudo, a caridade. Não esta esmola degradante, que procura na bolsa a menor moeda para lançar na mão do pobre, mas a doce mansuetude do Cristo, que conhecia o caminho onde se encontra o infortúnio oculto.

“Meus bons amigos, encontrei em meu caminho uma destas misérias de que a História não fala, mas de que o coração se lembra, quando testemunhou tão rudes provas. É uma pobre mulher; é mãe; tem um filho desempregado há vários meses; além disso, alimenta uma infeliz operária, como ela. E, como se não bastasse, um velho vem diariamente encontrá-la à hora do almoço, quando há o que comer. Mas no dia em que falta o necessário, as duas pobres mulheres, criaturas admiráveis pela caridade, dão a sua refeição aos dois homens, o velho e o jovem, sob a alegação de que, estando com fome, comeram antes. Vi isto repetir-se muitas vezes; vi o velho, num momento de desespero, vender sua última roupa, e querer, por insigne ato de loucura, dar o último adeus à vida, antes de partir para o mundo invisível, onde Deus vos julga a todos.

“Vi a fome imprimir suas marcas nesses deserddados do bem-estar social, mas as mulheres oraram a Deus com fervor, e foram ouvidas. Já pôs irmãos, espíritas, sobre os seus passos, e quando a caridade chama, os corações devotados respondem. As lágrimas do desespero já secaram; só resta a angústia do amanhã, o fantasma ameaçador do inverno, com seu cortejo de geadas, de gelo e de neve. Eu vos estendo a mão em favor deste infortúnio. Os pobres, amigos, são envidados de Deus. Vêm dizer-vos: Nós sofremos; Deus o quer; é o nosso castigo e, ao mesmo tempo, um exemplo para a nossa melhora. Vendo-nos tão infelizes, vosso coração se enternece, vossos sentimentos se dilatam, aprendeis a amar e a lamentar o infeliz. Socorrei-nos, a fim de que não murmuremos e, também, para que Deus vos sorria dos píncaros de seu belo paraíso.

“Eis o que disse a pobre em seus farrapos; eis o que repete o anjo-da-guarda que vos vela e o que vos repito, simples mensageira da caridade, intermediária entre o Céu e vós.

“Sorride ao infortúnio, ó vós que sois tão ricamente dotados de todas as qualidades do coração; ajudai-me em minha tarefa; não deixeis fechar-se esse santuário de vossa alma, onde mergulhou o olhar de Deus. E um dia, quando entrardes na mãe-pátria, quando, com o olhar incerto e o passo inseguro, buscardes o vosso caminho através da imensidade, eu vos abrirei a porta do templo de par em par, onde tudo é amor e caridade, e vos direi: Entrai, meus amados, eu vos conheço!”

Cárita

A quem farão acreditar seja esta a linguagem do diabo? Foi a voz do diabo que se fez escutar ao ouvido do capitão, sob o nome de seu filho, para adverti-lo que o velho ia suicidar-se e, ao mesmo tempo, manifestar-lhe pesar por haver dito palavras que o deviam ferir? Conforme a doutrina que um partido busca fazer prevalecer, segundo a qual só o diabo se comunica, esse capitão deveria ter repellido como satânica a voz que lhe falava; disso teria resultado o suicídio do velho, o mobiliário das pobres operárias teria sido vendido e elas talvez tivessem morrido de fome.

Entre os donativos que recebemos em sua intenção, há um que devemos mencionar, embora sem nomear o autor. Estava acompanhado da seguinte carta:

“Senhor Allan Kardec,

“Soube por um parente, que o obtive de vós, o relato da bela ação, verdadeiramente cristã, realizada por uma pobre operária de Lyon, em benefício de um velho infeliz. O parente também me mostrou um apelo muito eloqüente em seu favor, por um Espírito que se dá o nome de Cárita. À sua pergunta, se nele eu

reconhecia a linguagem do demônio, respondi que os nossos melhores santos não falariam melhor. É minha opinião, e foi por isso que tomei a liberdade de pedir-lhe uma cópia.

“Senhor, não passo de um pobre padre, mas vos envio o óbolo da viúva, em nome de Jesus-Cristo, para essa brava e digna mulher. Anexo, encontrareis a módica soma de cinco francos, lamentando não poder dar mais. Peço o favor de silenciar o meu nome.

“Dignai-vos aceitar, etc.”

Abade X...

Periodicidade da *Revista Espírita*

SUAS RELAÇÕES COM OUTROS JORNAIS ESPECIAIS

O desejo de ver a *Revista* aparecer duas vezes por mês ou todas as semanas, mesmo à custa do aumento da assinatura, já nos foi manifestado várias vezes. Somos muito sensível a esse testemunho de simpatia, mas é impossível, pelo menos até nova ordem, mudar o nosso modo de publicidade. O primeiro motivo está na multiplicidade dos trabalhos resultantes de nossa posição, cuja extensão é difícil imaginar. Estamos rigorosamente com a verdade, dizendo não haver para nós um só dia de repouso absoluto e que, a despeito de toda a nossa atividade, é-nos materialmente impossível bastar a tudo. Duplicando ou quadruplicando nossa publicação mensal, compreendemos que a maioria dos assinantes teria tempo de lê-la; contudo, para nós, isto seria em prejuízo dos trabalhos mais importantes, que nos resta fazer.

O segundo motivo está na natureza mesma de nossa *Revista*, que não é propriamente um jornal, mas o complemento e

o desenvolvimento de nossas obras doutrinárias. Nela a forma periódica permite-nos introduzir mais variedade que num livro e aproveitar as atualidades. Aí vêm agrupar-se, conforme as circunstâncias e a oportunidade, os fatos mais interessantes, as refutações, as instruções dos Espíritos; nela se desenham as diferentes fases do progresso da ciência espírita; enfim, nela vêm ensaiar-se, sob forma dubitativa, as teorias novas, que só podem ser aceitas depois de haverem recebido a sanção do controle universal.

Numa palavra, a *Revista* é uma obra pessoal, cuja responsabilidade assumimos sozinho, e pela qual não devemos, nem queremos ser entravado por nenhuma vontade estranha; foi concebida segundo um plano determinado para concorrer ao objetivo que devemos atingir. Se fosse transformada numa folha hebdomadária, perderia seu caráter essencial. A própria natureza de nossos trabalhos opõe-se a que entremos em detalhe acerca das preocupações e vicissitudes do jornalismo. Eis por que a *Revista Espírita* deve permanecer tal qual é. Dar-lhe-emos continuidade enquanto sua existência, sob esta forma, nos for demonstrada necessária. Aliás, mudando o seu modo de publicação, daríamos a impressão de querer fazer concorrência com os novos jornais publicados sobre a matéria, o que não poderia entrar em nossa mente.

Por sua periodicidade mais freqüente, esses jornais preenchem a lacuna assinalada; pela diversidade dos assuntos que podem tratar, e que entram no seu quadro, pelo número dos espíritas esclarecidos e de talento que neles podem fazer ouvir a sua voz, enfim pela difusão da idéia sob diferentes formas, podem prestar grandes serviços à causa. São outros tantos campeões que militam pela doutrina, cujos órgãos temos a satisfação de ver multiplicando. Sempre apoiaremos os que marcharem francamente numa via útil, os que não se fizerem instrumentos de camarilhas, nem de ambições pessoais e, finalmente, os que se conduzirem segundo os grandes princípios da moral espírita. Sentimo-nos

felizes de encorajá-los e ajudá-los com nossos conselhos, se julgarem necessários. Mas aí se limita a nossa cooperação. Declaramos não ter solidariedade material com nenhum jornal, sem exceção. Por conseguinte, nenhum é publicado por nós, nem sob nosso patrocínio efetivo; deixamos a cada um a responsabilidade de suas publicações. Quando os pedidos de assinatura por sua conta são dirigidos à direção da *Revista*, nós os encaminhamos aos jornais a título de boa confraternidade, sem nisso ver qualquer interesse, nem mesmo a comissão normal dos intermediários, que não aceitaríamos, ainda que nos fosse oferecida.

Julgamos por bem explicar o estado real das coisas, para edificação dos que pensam que certos jornais espíritas estão ligados por interesse à nossa *Revista*. Sem dúvida todos têm um interesse comum, porque tendem para o mesmo objetivo que nós. A esse título, todos se devem recíproca benevolência, pois, do contrário, dariam um desmentido à sua qualificação de jornais espíritas, embora cada um atue na esfera de sua atividade e de seus meios, e sob sua própria responsabilidade. A doutrina só terá a ganhar em dignidade e em crédito com a sua independência, ao passo que o acordo de vistas e de princípios existente entre eles e a *Revista* nada teria de admirável da parte dos que emanassem da mesma fonte. Quando outra publicação periódica se fizer por nossa iniciativa e com o nosso concurso efetivo, nós o diremos abertamente.

Allan Kardec

